

## SUICÍDIO MASCULINO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA IMPRENSA DO RIO GRANDE DO NORTE

Daniel Dantas LEMOS<sup>1</sup>

Bianca Pessoa Tenório WANDERLEY<sup>2</sup>

Universidade do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal-RN

### RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a cobertura midiática sobre o tema do suicídio na imprensa potiguar durante o ano de 2016, com destaque aos casos em que a morte do suicida está aparentemente relacionada a questões de violência de gênero contra a mulher e feminicídios. Para tanto, selecionamos 52 textos jornalísticos publicados em alguns dos principais veículos de imprensa do estado, destacando para uma análise nos pressupostos da análise do discurso dessas questões oito manchetes que relacionavam a morte de uma mulher seguida pelo suicídio do homem - que apenas em duas ocasiões tiveram suas relações conjugais esclarecidas. Concluímos que a escolha dos termos para as manchetes é permeada por uma ideologia que pretende diminuir a violência doméstica e os crimes contra mulher do ambiente que se dão os suicídios.

**Palavras-chave** Suicídio; Violência contra mulher; Feminicídio; Agendamento; Jornalismo.

### ABSTRACT

This paper proposes to analyze the media coverage of suicide during the year 2016 at Rio Grande do Norte, especially in cases where the death of the suicide is apparently related to issues of gender violence against women and femicides. We selected 52 journalistic texts published in 2016, highlighting for analysis in the assumptions of the discourse analysis of these issues eight headlines that related the death of a woman followed by the suicide of the man - that only in two occasions had their marital relations clarified. We conclude that the choice of terms for the headlines is permeated by an ideology that aims to reduce domestic violence and crimes against women from the environment that give themselves the suicides.

**Keywords** Suicide; Violence against women; Femicide; Agenda-setting; Journalism.

### INTRODUÇÃO

**E**ste artigo nasce no âmbito da pesquisa "Análise do discurso do jornalismo impresso potiguar a partir de princípios ético-morais e de seu posicionamento ideológico" que se desenvolve na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cujo objetivo é descrever e analisar os elementos éticos do jornalismo a partir das relações do discurso e da ideologia jornalística, no contexto do

<sup>1</sup> Bacharel em comunicação social, habilitação em jornalismo pela UFRN (2000), mestre (2006) e doutor (2012) em estudos da linguagem pela UFRN. Docente do curso de comunicação social da UFRN. E-mail: [danieldantas79@uol.com.br](mailto:danieldantas79@uol.com.br)

<sup>2</sup> Graduada em comunicação social, habilitação em jornalismo pela UFRN. Bolsista de iniciação científica. E-mail: [bianca.ptw@hotmail.com](mailto:bianca.ptw@hotmail.com)

jornalismo potiguar.

Diante da pertinência de aprofundarmos as questões éticas, ideológicas e discursivas do âmbito do jornalismo, decidimos por analisar inicialmente a cobertura do tema suicídio, por se tratar de um assunto que é tabu na imprensa, e não apenas na imprensa.

Esse tema se destacou no início do ano de 2017 especialmente pela emergência de dois eventos no campo midiático. De um lado o jogo virtual da "Baleia Azul" gerou preocupação entre pais e educadores, uma vez que supostamente passou a inspirar comportamentos suicidas em adolescentes e jovens, não apenas no Brasil. Por outro lado, a série do sistema de vídeos online Netflix "13 reasons why" também serviu para o debate sobre o suicídio, suas causas e prevenção.

Discutimos, neste trabalho, o agendamento do tema pela imprensa a partir da análise de nosso corpus, para o quê apresentamos a teoria do agenda-setting. Além disso, recorreremos às ferramentas teórico-metodológicas da Análise do Discurso de linha francesa, principalmente a partir de Charaudeau (2006), para a realização da análise dos nossos dados.

Utilizando-nos de ferramentas de análise do discurso, preocupamo-nos em observar as manchetes relacionadas ao tema suicídio publicadas no ano de 2016 na imprensa potiguar.

Foram, para tanto, recolhidos 52 textos neste corpus e, destes, procuramos dar destaque àqueles em que os casos da morte do suicida está aparentemente relacionada a questões de violência de gênero contra a mulher e a feminicídios. Ao todo, abordamos segundo os pressupostos da análise do discurso oito manchetes que relacionavam a morte de uma mulher seguida pelo suicídio do homem - que apenas em duas ocasiões tiveram suas relações conjugais esclarecidas.

A pesquisa nos ajudou a perceber que até mesmo a escolha dos termos para as manchetes no jornalismo é atravessada por uma tal ideologia que pretende naturalizar a violência doméstica e os crimes contra mulher no ambiente que ocorrem suicídios.

Iniciamos o artigo discutindo o suicídio especialmente a partir de uma perspectiva da filosofia existencialista, para a seguir referir os dois elementos midiáticos que trouxeram o tema à baila no início do ano de 2017 (a série "13 reasons why" e o jogo "A baleia azul"). A seguir, abordaremos a cobertura da mídia deste binômio suicídio e

violência contra a mulher através de uma perspectiva teórico-metodológica que congrega o agendamento à Análise do Discurso de linha francesa.

## O SUICÍDIO

“O Mito do Sísifo”, de Albert Camus, é uma das obras que marcam o pensamento existencialista. Segundo Chauí (2000, p. 64) o existencialismo é uma corrente filosófica que se interessou pelo finito e que entendia o humano como “um ser para a morte”, ou seja, “um ser que sabe que termina e que precisa encontrar em si mesmo o sentido de sua existência”.

A morte, portanto, é um tema fundamental para o existencialismo por representar o limite mais absoluto com o qual se depara o ser humano. Desse modo, diz Chauí (2000, p. 64), para “a maioria dos existencialistas, dois eram os modos privilegiados de o homem aceitar e enfrentar sua finitude: através das artes e através da ação político-revolucionária. Nessas formas excepcionais da atividade, os humanos seriam capazes de dar sentido à brevidade e finitude de suas vidas”.

Em “O Mito do Sísifo”, Camus dispõe a discussão sobre o existencialismo a partir da noção de absurdidade, do absurdo, como ponto de partida. “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio”, diz Camus (1989), que complementa afirmando que julgar “se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia”. Assim, diz Camus (1989), “o sentido da vida é a questão mais decisiva de todas”.

Ainda que possa ser tratado como questão social, Camus (1989) afirma que o suicídio pode ser visto em sua relação com o pensamento individual: o “verme [que leva o homem a se matar] se acha no coração do homem”. Desse modo, matar-se “é de certo modo, como no melodrama, confessar. Confessar que se foi ultrapassado pela vida ou que não se tem como compreendê-la” (CAMUS, 1989).

Além do existencialismo, o suicídio foi objeto de atenção de outras áreas do conhecimento humano - um dos criadores da sociologia, Émile Durkheim, dedicou uma obra ao tema em 1897, por exemplo. A literatura também tem o suicídio como tema frequente. Em 1774, J. W. Goethe publicou “Os sofrimentos do jovem Werther”. Nessa obra, Werther, desolado com o insucesso amoroso, tira a própria vida. Logo após o lançamento da obra, a Europa registrou vários casos de suicídios entre jovens, tendo a obra sido proibida em algumas regiões. É desse episódio que deriva a expressão “Efeito Werther”

que é usada para designar os suicídios que seguem um modelo, isto é, que são imitativos (SILVA, 2005).

Foi Phillips (1974, apud ALMEIDA, 2000, p. 37) quem primeiro nomeou o fenômeno de “Efeito Werther”, em um artigo em que discute a influencia da sugestão no suicídio. “No entanto”, destaca Almeida (2000, p. 37), “o impacto suicida do romance de Goethe nunca foi conclusivamente demonstrado”.

Já Silva (2005) diz que o “Efeito Werther” manifesta a difícil relação entre a comunicação e o suicídio: “Como trabalhar esta questão de forma a não estimular e/ou oferecer modelos aos suicídios?”, questiona Silva (2005). É o efeito Werther que justifica, para o jornalismo, a não-cobertura de casos de suicídio.

No entanto, nossa pesquisa, realizada no jornalismo de Internet sediado no Rio Grande do Norte, com recorte no período de 2016, mostra que suicídios são noticiados em órgãos de imprensa de todos os tipos, mais notadamente em blogs do interior do estado.

A questão que, então, se colocou aos pesquisadores foi qual discurso atravessa a publicação dessas notícias, quais casos de violência são esses que redundam em atentados contra a própria vida e como eles são noticiados. Para isso, levantamos um corpus de 52 textos jornalísticos cujas manchetes se referiam a suicídios ou tentativas de suicídios. Segundo os objetivos de nosso trabalho aqui, nossa análise centrará a atenção sobre as manchetes.

Sendo pensada a partir da “chamada de capa”, conforme a conceitua Caldeira (2014, p. 73), a manchete tem um papel estruturante do jornalismo, uma vez que relaciona o conteúdo de outros textos, fornecendo pistas para que o leitor identifique a reportagem ou notícia ao destacar o aspecto mais saliente do acontecimento (KINDERMANN, 2014, p. 89). Desse modo, na forma de uma vitrine de notícias e interesses editoriais, concentra em suas escolhas as intencionalidades discursivas e ideológicas. A informação tornada saliente na manchete e a escolha das palavras não são, de maneira alguma, acidentais, mas indicam formações ideológicas e discursivas manifestas pelas notícias.

Dentre as 52 manchetes, destacam-se oito<sup>3</sup> em que os casos parecem se relacionar de algum modo a episódios de violência de gênero e feminicídio. Sobre eles, deteremos

<sup>3</sup> **Potiguar residente em MG mata a esposa e comete suicídio em seguida.** Disponível em: <<http://blogdobg.com.br/potiguar-residente-em-mg-mata-a-esposa-e-comete-suicidio-em-seguida/>>. Acesso em: 06/04/2017; **Homem mata mulher a facadas e depois comete suicídio em Cruzeta.** Disponível em: <http://blogdobg.com.br/homem-mata-mulher-a-facadas-e-depois-comete-suicidio-em-cruzeta/>>. Acesso em: 06/04/2017; **Idoso mata esposa com facadas e tira a própria vida.** Disponível em: <<http://www.omossoroense.com.br/idoso-mata-esposa-com-facadas-e-tira-a-propria-vida/>>. Acesso em: 02/04/2017; **Corpo de mulher é encontrado cimentado na parede.** Disponível em: <<http://www.novonoticias.com/policia/corpo-de-mulher-e-encontrado-cimentado-na-parede>>. Acesso em 06/04/2017; **Homem que matou mãe e filha em Caicó morre depois de tentar suicídio no Presídio.**

nossa atenção, buscando analisar o discurso que, por vezes, omite as questões de gênero e violência doméstica nos episódios.

### **BALEIA AZUL E 13 REASONS WHY**

No início do ano de 2017 dois fenômenos fizeram emergir no agendamento da mídia o tema do suicídio, não apenas no Brasil como também em outras partes do mundo. De um lado, a série da Netflix “13 reasons why” que aborda o suicídio de uma adolescente. Do outro, o jogo virtual “Baleia Azul”.

Segundo Ramal (2017), o “Baleia Azul” aparentemente surgiu na Rússia e se espalhou mundo afora - no Brasil há relatos de mortes supostamente relacionadas ao jogo, exemplo do caso de uma menina de 16 anos morta no Mato Grosso (DOS ANJOS, 2017). O jogo consiste em realizar 50 desafios impostos por um mediador, o último dos quais tirar a própria vida.

Outro tema que mobilizou o agendamento do suicídio na mídia foi a série “13 reasons why”. Produzida pela Netflix, adaptação de romance homônimo de Jay Asher, a série fala sobre o suicídio de uma adolescente que deixa fitas gravadas revelando os motivos que a levaram a tirar a própria vida.

Lançada no fim de março, “13 reasons why” mobilizou intensas discussões acerca do tema do suicídio e os limites da cobertura da mídia. Cavalcanti (2017) destaca que a série “rendeu intensos debates nas redes sociais e invadiu até mesmo as universidades levantando uma grande discussão acerca da saúde mental e os possíveis limites da produção audiovisual”. No âmbito da academia, diz Cavalcanti (2017), há exemplos como o da psicóloga Tatiana Perez, que decidiu criar um curso de extensão voltado para a temática da psicologia e das produções audiovisuais da Netflix em Porto Alegre.

A questão que se coloca nesta pesquisa é como e de que forma, normalmente, o tema suicídio é agendado pela imprensa - e os discursos que são operados nas manchetes dadas por esta imprensa. O fato de “Baleia Azul” e “13 reasons why” chamarem a atenção para a temática produziu certamente um desequilíbrio incomum para a cobertura

---

Disponível em: <<http://blogdoserido.com.br/noticias/homem-que-matou-mae-e-filha-em-caico-morre-depois-de-tentar-suicidio-no-presidio/>>. Acesso em 06/04/2017; **Após matar mulher com quem tinha filha, policial comete suicídio na Zona Oeste do Rio; criança também se feriu**. Disponível em: <<http://blogdobg.com.br/apos-matar-mulher-com-quem-tinha-filha-policial-comete-suicidio-na-zona-oeste-do-rio-crianca-tambem-se-feriu/>>. Acesso em: 06/04/2017; **Pai grava assassinato dos filhos e manda vídeo para família da mulher**. Disponível em: <<http://www.novonoticias.com/policia/pai-grava-assassinato-dos-filhos-e-manda-video-para-familia-da-mulher>>. Acesso em 02/04/2017; **Mãe mata filho, comete suicídio e deixa recado para o pai no Facebook**. Disponível em: <<http://agorarn.com.br/mundo/mae-mata-filho-comete-suicidio-e-deixa-recado-para-o-pai-no-facebook/>>. Acesso em 06/04/2017.

do assunto. Por esse motivo, nos interessamos em dirigir o olhar para a cobertura do tema durante todo o ano de 2016 na imprensa potiguar.

Consideramos importante dedicarmos a próxima seção desse trabalho, antes mesmo de tratarmos de ideologia e análise do discurso como ferramentas teórico-metodológicas e de nossa análise propriamente dita, a uma breve apresentação da hipótese do agenda-setting por acreditarmos que o tema pode ter sofrido agendamentos específicos em episódios e eventos marcantes - como o Setembro Amarelo, mês dedicado pelos serviços de saúde mental para a conscientização do suicídio.

### **AGENDA-SETTING**

Observaremos agora a hipótese da agenda-setting (ou agendamento) a partir de sua exposição por Wolf (2005). Ela afirma que existe uma tendência de as pessoas excluírem ou incluírem dos próprios conhecimentos aquilo que a mídia exclui ou inclui de seu conteúdo. Segundo Shaw (1979 apud WOLF, 2005, p. 143), a “asserção fundamental da agenda-setting é que a compreensão das pessoas em relação a grande parte da realidade social é modificada pelos meios de comunicação de massa”. A imprensa consegue dizer sobre quais temas as pessoas devem pensar e talvez inclusive consiga dizer o que as pessoas devem pensar sobre aquele determinado tema.

A imprensa, desse modo, enfatiza determinados temas, aspectos e problemas de modo a formar uma “moldura interpretativa” (ou *frame*), um esquema de conhecimentos – nem sempre de maneira consciente – que contribui para que o público dê sentido ao que observa (WOLF, 2005, p. 145-146). A hipótese da agenda-setting salienta uma dependência cognitiva da mídia com impacto direto (mesmo que não imediato) na forma em que os destinatários elencam os temas, argumentos e problemas na “ordem do dia” e também na hierarquia de importância desses elementos.

Ainda que essa teoria sustente que a mídia é eficaz na construção da imagem da realidade que o indivíduo estrutura para si, essa imagem, no entanto, não passa de uma metáfora representativa da totalidade de toda a informação sobre o mundo, que cada indivíduo tratou, organizou e acumulou – e que pode ser pensada como um padrão em relação ao qual toda informação nova é confrontada para que lhe seja dado o seu significado (WOLF, 2005, p. 152-153). Assim, quanto menos uma pessoa tiver experiência direta em relação a um tema qualquer, maior será a influência da mídia no indivíduo na busca por informações e por maneiras de formar os quadros interpretativos relativos àquele assunto.

Um segundo aspecto da hipótese do agenda-setting que vale destacar aqui é o que Wolf (2005) apresenta sob a nomenclatura de tematização - ou seja, colocar um tema na ordem do dia e no centro da atenção do público. No caso deste trabalho, questionamo-nos se no ano de 2016 o suicídio foi colocado, em algum momento, como tema na ordem do dia por parte da imprensa potiguar e de que modo e com que discursos subjacentes - o que esperamos esclarecer a partir da análise de nossos dados.

## **IDEOLOGIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

Ideologia é, segundo Thompson (2011, p. 43), uma arma numa batalha política no terreno da linguagem, o que dialoga de perto com a afirmação de Bakhtin (2006) de que todo signo é ideológico e ele é a arena onde a luta de classes se desenvolve.

Embora Marx seja a figura mais importante na elaboração do conceito de ideologia, Thompson (2011, p. 44) destaca que seus escritos não oferecem uma única e coerente visão do termo.

Em primeiro lugar, quando Marx e Engels escreveram “A ideologia alemã” assumiram o sentido negativo e oposicional presente no uso do termo feito por Napoleão Bonaparte em sua crítica às ideias de Destutt de Tracy, criador da Ideologia como Ciência das Ideias - que deveria ser, para ele, a primeira e principal das ciências.

Napoleão Bonaparte, que deu um golpe de estado em 1799, apoiou-se em ideias de Tracy e seu grupo, mas desconfiava de suas ligações republicanas. Por isso, Bonaparte é o primeiro que começa a falar em ideologia de maneira negativa: para ele, era uma doutrina especulativa abstrata, que estava divorciada das realidades do poder político. Ele denunciou o grupo que é “chamado pelo nome de facção metafísica ou ‘ideólogos’”, que segundo ele, conspiravam contra o novo regime. Ao ser derrotado na Rússia, em 1812, Bonaparte utilizou os ideólogos como bode expiatório, um inimigo escolhido para justificar os seus próprios fracassos. O termo ideologia se tornou uma arma nas mãos de um imperador, lutando desesperadamente para silenciar seus oponentes e para sustentar um regime em destruição (THOMPSON, 2011, p. 47).

Para Marx e Engels, diz Thompson (2011, p. 51), ideologia, nesse sentido, é uma doutrina teórica e uma atividade que olha erroneamente as ideias como autônomas e eficazes e que consegue compreender as condições reais e as características da vida sócio-histórica.

Já em 1859, em “Uma contribuição à crítica da economia política”, Marx e Engels veem a ideologia como dependente e derivada das condições econômicas e das relações

de classe e das relações de produção de classe (THOMPSON, 2011.p. 54). A ideologia seria, pois, um sistema de ideias que expressa os interesses da classe dominante, mas que representa relações de poder de forma ilusória porque o faz de modo a favorecer os interesses da classe dominante (THOMPSON, 2011, p. 54).

Por fim, uma terceira concepção de ideologia em Marx pode ser formulada, segundo Thompson (2011, p. 58) como

um sistema de representações que servem para sustentar relações existentes de dominação de classes através da orientação das pessoas para o passado em vez de para o futuro, ou para imagens e ideias que escondem as relações de classe e desviam da busca coletiva de mudança social.

Em quaisquer dessas bases marxistas é possível elaborar uma noção ideológica acerca do que poderíamos abordar nos limites deste trabalho como se tratando de uma certa formação ideológica que legitima a violência doméstica e contra a mulher. Nos limites que este artigo apresenta, não teríamos condições de inserir aqui as relevantes discussões das pensadoras feministas que desenvolvem profunda pesquisa no tema, destacadamente Judith Butler. Aqui, realizaremos a análise do discurso nas manchetes selecionadas para demonstrar como cada uma delas serve ao propósito de ocultar os elementos de violência de gênero associados a cada um dos suicídios recortados de nosso corpus.

### **ANÁLISE DO DISCURSO**

Charaudeau (2006: 40) entende que descrever o sentido de discurso no âmbito da informação equivale a interrogar sobre três elementos principais: a mecânica de construção do sentido, sobre a natureza do saber que é transmitido e sobre o efeito de verdade que pode produzir no receptor, elementos textuais que podem ser utilizados na tarefa analítica de compreender os discursos e suas diversas nuances.

Há, então, segundo Charaudeau (2006: 41), uma mecânica de construção dos sentidos em um discurso que respeita a um duplo processo. Esse processo se funda no entendimento, comum a outras áreas das análises linguísticas, de que o sentido de enunciado e de um discurso nunca existe a priori, mas é construído na manifestação de linguagem dos homens – Charaudeau (2006: 41) chama de “ação linguageira” –, sempre em uma situação de troca social. Em outras palavras, Charaudeau (2006: 42) entende que o sentido dos enunciados só se efetiva em meio às relações sociais – é na interação social entre os sujeitos que usam a língua que o sentido se constitui. Esse sentido não está nem em



quem fala, nem em quem recebe a mensagem, nem mesmo na mensagem transmitida – o sentido é resultado dessa interação da mensagem em meio a uma relação social.

Charaudeau (2006: 41) compreende que essa construção de sentido se dá através de dois processos, que ele chama de transformação e de transação. O processo de transformação sinaliza a passagem do “mundo a significar” em “mundo significado”. Esse processo aponta para operações de linguagem que fazem, no campo midiático, com que acontecimentos cotidianos possam ser transformados em informações. Trata-se da passagem, portanto, do fato corriqueiro para o âmbito do discurso informativo – repleto de elementos ideológicos e intencionais, como é a linguagem. É a transformação do elemento da realidade social em notícia.

Charaudeau (2006: 41) secciona o processo de transformação em cinco etapas. A primeira delas é a identificação dos seres do mundo, nomeando-os. Nomear é um ato de poder e controle sobre o objeto nomeado.

Também Foucault (2007) enfatiza os elementos envolvidos na nomeação:

falar ou escrever não é dizer as coisas ou se exprimir, não é jogar com a linguagem, é encaminhar-se em direção ao ato soberano de nomeação, é ir, através da linguagem, até o lugar onde as coisas e as palavras se ligam em sua essência comum, e que permite dar-lhes um nome (FOUCAULT, 2007: 166).

Em outro lugar, o mesmo Foucault (2008: 53) aprofunda a questão ao destacar que o discurso é uma “violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo caso”. A palavra e a nomeação se fundamentam em uma relação arbitrária que, no campo do discurso, é essencial para a organização dos sentidos – é preciso identificar as coisas do mundo, vinculando-lhes as representações das palavras.

No caso do discurso da informação, mais precisamente no que se refere ao texto jornalístico ou informativo, a nomeação é parte do processo de identificação do mundo a significar no mundo significado. Ela se traduz pela descrição dos fatos a serem transformados em notícia, ou seja, sua identificação – de objetos, fatos e personagens. Ao se elaborar um texto no gênero jornalístico, mesmo que ele se torne público em um espaço virtual como um blog, a descrição é premissa fundamental para a sua identificação – que se baseia, inicialmente, na nomeação das coisas do mundo a significar no processo de transformação em mundo significado.

Esse processo de transformação discursiva, segundo Charaudeau (2006: 41), prossegue com a qualificação das coisas nomeadas. Não basta nomear os objetos, citar os fatos e personagens. No fluxo de construção das informações e notícias esses elementos

necessitam ser qualificados – desde simples afirmações como “o dia está belo”, até afirmações com maiores implicações socioideológicas e políticas, como “este é um governo falido”. Provavelmente, a qualificação é a instância da construção e da operação discursiva em que as intenções e ideologias dos sujeitos que arregimentam o discurso são melhor expressas. A qualificação não é uma simples adjetivação dos sujeitos e das coisas – ela implica uma opinião, carregada de ideologia e intenção, constituindo-se em um dos elementos de enquadramento das informações e das notícias.

Em seguida, diz Charaudeau (2006: 41), entram os elementos discursivos de narração propriamente dita. Trata-se de uma descrição das ações, nas quais se engajam os sujeitos e as coisas que foram consideradas no discurso. A narração é um elemento fundante do discurso da informação – característica de grande parte dos gêneros discursivos do jornalismo. Associado a este elemento do discurso está a argumentação, que Charaudeau (2006: 41) resume como sendo o fornecimento das razões e motivos das ações descritas. Adiante destacaremos a argumentação por se tratar de tópico fundamental no desenvolvimento e compreensão de nossa tese.

O trabalho de equilibrar todos esses elementos em um único enunciado é chamado por Charaudeau (2006: 41) de modalização. Ao modalizar, o sujeito-autor avalia os seres nomeados no discurso, suas propriedades, ações e argumentos, elencando os elementos operacionalizados que melhor traduzem suas intenções comunicativas e a ideologia presente em seu enunciado. A tarefa de equalizar as informações arregimentadas não é neutra ou objetiva, mas atende a elementos subjetivos e intenções discursivas do sujeito-autor. Ao selecionar os elementos que comporão seu texto dentre os disponíveis no mundo a significar, o sujeito elege um mundo significado de acordo com seus interesses e intenções, enquadrando o real a fim de construir uma determinada perspectiva da realidade social a ser transmitida no texto informativo produzido. Em outras palavras, o texto informativo e jornalístico jamais poderá ser neutro ou objetivo conforme apregoa a ideologia do jornalismo como espelho da realidade. O discurso da mídia é sempre engajado, parcial, comprometido e intencional, mesmo e principalmente quando afirma o contrário e opera artifícios de apagamento e rarefação das subjetividades e intencionalidades nele contidas.

O mundo significado, manifesto no enunciado final do texto jornalístico, é a formatação concreta da construção discursiva e linguística, promovida pelo sujeito-autor, carregada de sua subjetividade, ideologia, visão de mundo e intenção comunicativa. Ao operar os elementos discursivos, linguísticos e argumentativos que descrevemos até aqui, o sujeito enuncia um texto que traduz um mundo significado – significado por ele mesmo. Portanto, o processo de transformação do discurso da informação tem lugar do lado do

emissor – do sujeito que se coloca na situação de transformar um mundo a significar em mundo significado.

São essas ferramentas que utilizaremos para a análise das manchetes que selecionamos acerca de suicídio tentando demonstrar o vínculo - e ocultação - dos eventos com a violência de gênero contra a mulher.

## **SUICÍDIO NA IMPRENSA POTIGUAR**

De acordo com o artigo 11 do capítulo III<sup>4</sup> do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros em vigor, uma publicação da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), um jornalista não pode divulgar informações “de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos”. No entanto, apesar de entrar na característica “mórbida”, o Código não trata especificamente da proibição da divulgação de notícias sobre suicídio.

Para construção deste artigo, analisamos dez sites de plataformas online de jornais impressos, portais de notícia e blogs de notícia<sup>5</sup> de todo o estado do Rio Grande do Norte. No total, foram encontradas 52 notícias sobre suicídio e assuntos relacionados no ano de 2016. Três dos sites analisados, o Potiguar Notícias, o Gazeta do Oeste e o blog da Thaísa Galvão, possuíam respectivamente apenas uma e nenhuma publicação sobre o tema. Os demais possuíam mais de cinco, chegando a 13 publicações<sup>6</sup>.

Como mostra de que o tema do suicídio sofreu agendamento também no ano de 2016, percebemos que, na maioria dos casos, as notícias eram concentradas no mês de setembro, quando acontece o Setembro Amarelo, uma campanha de prevenção do suicídio, e tratavam de divulgar eventos ligados à campanha e seus resultados. Um segundo tipo de notícia encontrado, principalmente em portais de notícia e blogs, eram às que ligavam casos de suicídio a práticas violentas, como assassinatos, em sua maioria casos de feminicídio seguido por suicídio, sem configurar, no entanto, um agendamento. Destaque-se também a morte de presos em que não se constata se causa da morte foi suicídio ou homicídio, o que é muito comum em notícias sobre morte de presos dentro dos presídios e penitenciárias.

Como dito anteriormente, boa parte das notícias sobre suicídios tratam, na verdade, de eventos e campanhas que promovem sua prevenção. No entanto, oito textos tratam sobre casos reais são cercados de violência de gênero, violência contra a mulher.

<sup>4</sup> Que trata da responsabilidade profissional do jornalista.

<sup>5</sup> São eles: Tribuna do Norte, Novo Jornal, Potiguar Notícias, Agora RN, Gazeta do Oeste, O Mossoroense, Blog do Seridó, Blog da Thaísa Galvão e Blog do BG.

<sup>6</sup> Na ordem listada acima: nove; treze; um; doze; um; três; oito; nenhuma; e cinco publicações.

Na escolha das palavras utilizadas na construção do título de uma matéria, podemos entender, de alguma maneira, a ideologia mobilizada pelo veículo no qual ela está publicada. Como dito anteriormente, muitos dos casos de suicídio noticiados tratam de casos de feminicídio seguidos pelo suicídio dos companheiros das vítimas. A escolha dos títulos destas notícias de diversas maneiras, apaziguam o caráter violento e sexista existente nestes acontecimentos, assim como a quantidade de informações sobre cada crime nas matérias que ou é ínfima ou é inexistente.

Em cinco das oito notícias encontradas sobre casos de feminicídio seguido por suicídio, a informação do título é dada na sequência “homem assassina mulher e comete suicídio em seguida”. O foco da informação gira sempre em torno dos homens e dos suicídios e nunca há visibilidade para as vítimas. Um aspecto deve ser notado: na grande maioria dos casos não é demonstrado nos títulos das matérias qual a relação entre as vítimas e aqueles que praticaram os crimes, que em todos os exemplos é conjugal. São os maridos ou companheiros que matam suas esposas e depois cometem assassinado e a omissão desta informação, substituída pelos termos genéricos “homem” e “mulher”, esconde características importantes dos acontecimentos: aquelas que definiriam os casos como frutos de violência de gênero e doméstica.

O único título que não segue a sequência normalmente utilizada é “Corpo de mulher é encontrado cimentado na parede”. A notícia é sobre o caso da dona de casa Josefa Alves do Nascimento, de 42 anos, que foi encontrada em uma busca realizada por policiais e cães farejadores um dia após o registro do seu desaparecimento. O marido da vítima, acusado pelo crime, cometeu suicídio cinco dias depois da descoberta do corpo. Como é possível ver, a situação da vítima, neste caso, ganha notoriedade na matéria devido ao aspecto inusitado do crime, mas ainda se trata de um caso de feminicídio seguido por suicídio.

Nos cinco títulos sobre casos semelhantes ao de Josefa Alves, o verbo utilizado para descrever o crime é “matar”, ao invés do sinônimo mais apropriado “comete assassinato”, o que acrescenta ainda mais morbidade às informações. Além desta escolha, em quatro dos cinco exemplos é utilizada a palavra “suicídio” e suas variações para classificar a ação dos personagens. É interessante, no entanto, analisar que no caso específico do título “Idoso mata mulher a facadas e depois tira a própria vida”, o termo utilizado para descrever o ato de suicídio de Raimundo Alves de Freitas, de 70 anos, é “tira a própria vida”, o que demonstra certo cuidado ao tratar do assunto. Mesmo no texto da notícia a expressão utilizada é “atentou contra a própria vida”, que reforça ainda mais o fato de que o caso foi noticiado de maneira diferente devido ao fato do homem ser idoso.

Ao lado do episódio noticiado do “idoso que matou a esposa”, apenas em outro dos exemplos de nosso corpus, publicado pelo Blog do BG, em 11 de março de 2016, a relação conjugal é explicitada: “Potiguar residente em MG mata a esposa e comete suicídio em seguida”, reforçando a noção de que há uma ideologia perpassando o discurso da mídia sobre esse tipo de crime que pretende isolá-lo do ambiente de violência doméstica, das relações de gênero ao dissociar tais suicídios dos feminicídios correspondentes.

Nesse sentido, um texto que foge à regra apresentada neste artigo é “Mãe mata filho, comete suicídio e deixa recado para o pai no Facebook”, publicada em dezembro de 2016, pelo portal de notícias Agora RN. Neste caso, não foi o “homem” que matou a “mulher” e sim a mulher que matou seu próprio filho e depois cometeu suicídio. Apesar da diferença de papéis, podemos suspeitar de que a história se apresenta como um exemplo de violência de gênero - o que teria levado a essa mulher tal atitude?

Sheri Shermeyer, de 40 anos, antes do ocorrido, havia escrito uma publicação no Facebook endereçada ao ex-companheiro, explicando que a razão da escolha dela tinha sido a falta de interesse do pai em se envolver na vida da criança - abandono parental é uma forma de violência contra a mulher. Ainda assim, é possível encontrar no corpo da matéria termos que indicam que o assunto é tratado de maneira diferente por se tratar de uma mulher que comete um crime e não o contrário. Alguns exemplos indicam que o ato foi ao “extremo da vingança”, que teria sido “premeditado” e em mais de uma vez Shermeyer é tratada como “a suicida”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho consideramos haver apontado um caminho para análise ainda mais ampla e detalhada que dê conta de responder às questões aqui levantadas sobre as relações de violência contra a mulher e o suicídio e toda a estratégia discursivo-ideológica operada pelos meios para ocultar tais relações.

Homens e mulheres envolvidos nos casos de violência e morte, com apenas duas exceções em nosso corpus, são afastados da relação familiar e conjugal como se tais crimes ocorressem apartados da vida familiar - um modo de ocultar a origem dos crimes na violência doméstica e nos crimes contra a mulher, em particular, os feminicídios. Os suicidas destacados nas manchetes, ainda que na maior parte das vezes não tenham sido

apresentados como maridos ou esposos das vítimas, mataram suas companheiras e esposas antes de se suicidarem.

Destaque-se o modo distinto com que se refere o Mossoroense ao “idoso” que matou sua “esposa” antes de “tirar a própria vida”, única vez em que o termo usado moraliza a violência do “matar”, “assassinar” ou “se suicidar”. Ele é idoso e respeitosamente tratado (será que por estar no fim da vida). Também é um dos dois casos em que a vítima do feminicídio deixa de ser o genérico “mulher” e passar a ser “esposa”.

De todo modo, este trabalho abre portas para aprofundamento das pesquisas que temos desenvolvido sobre ética, ideologia e discurso do jornalismo no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.F. “Efeito de Werther” in: **Análise Psicológica (2000)**, 1 (XVIII): 37-51. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017

CALDEIRA, A. B. “A chamada de capa” in: BONINI, A.; FERRETTI-SOARES, V. A. de S.; SILVA JÚNIOR, C. B. da S.; LIMA, V. W. **Os gêneros do jornal**. Florianópolis: Insular, 2014.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Trad. Mauro Gama. Guanabara: Rio de Janeiro, 1989.

CAVALCANTI, H. **13 Reasons Why**: até onde pode (e deve) ir uma produção audiovisual?. Disponível em: <http://gente.ig.com.br/cultura/2017-05-03/13-reasons-why.html>. Acessado em 04 maio de 2017.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. Ática: São Paulo, 2000.

DOS ANJOS, L. **Adolescente achada morta após desafio online teria cortes nos braços, diz polícia**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/adolescente-achada-morta-apos-desafio-online-teria-cortes-nos-bracos-diz-policia.ghtml>. Acessado em 04 maio de 2017.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução por Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17 Ed. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 9a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KINDERMANN, C. A. “A reportagem” in: in: BONINI, A.; FERRETTI-SOARES, V. A. de S.; SILVA JÚNIOR, C. B. da S.; LIMA, V. W. **Os gêneros do jornal**. Florianópolis: Insular, 2014.

RAMAL, A. **Entenda o 'Jogo da Baleia Azul' e os riscos envolvidos.** Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/entenda-o-jogo-da-baleia-azul-e-os-riscos-envolvidos.html>. Acessado em 04 maio de 2017.

SILVA, A. O. da. **"Suicídio, Literatura e Sociologia"**. Revista Espaço Acadêmico, 44, 2005.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** 9 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa.** Trad. Karina Jannini. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**Submissão do artigo: 22/12/2017.**

**Parecer de aprovação: 23/07/2018.**

A